



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

MULHERES NEGRAS NAS ARTES:

A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS
ENQUANTO ARTISTAS NAS ARTES VISUAIS

JACIARA CAMILA DA SILVA SOUZA

TIMBAÚBA
2021



JACIARA CAMILA DA SILVA SOUZA

MULHERES NEGRAS NAS ARTES:

A REPRESENTATIVIDADE DAS NEGRAS ENQUANTO ARTISTAS
NAS ARTES VISUAIS

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador(a): Prof^a Ma. Lilian Debora de Oliveira Barros

Timbaúba
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729m Souza, Jaciara
MULHERES NEGRAS NAS ARTES:: A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS
ENQUANTO ARTISTAS NAS ARTES VISUAIS / Jaciara Souza. - 2021.
33 f. : il.

Orientadora: Prof Ma Lilian Debora de Oliveira Barros.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Artes Visuais, Recife, 2021.

1. EDUCAÇÃO. 2. ARTES VISUAIS. 3. MULHERES NEGRAS. 4. REPRESENTATIVIDADE. I. Barros,
Prof Ma Lilian Debora de Oliveira, orient. II. Título

CDD 700

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jaciara Camila da Silva Souza

Mulheres negras nas artes:

A representatividade das mulheres negras enquanto artistas nas artes visuais

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em __/__/____

Banca Examinadora:

Prof^a. Ma. Lilian Débora de Oliveira Barros (UFRPE)
Presidente e Orientadora

Prof^a. Ma. Niedja Ferreira dos Santos Torres (UFRPE)
Examinadora interna

Prof^a. Dra. Morgana Gama de Lima (UFBA)
Examinadora externa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, depois à minha família e amigos por todo incentivo e apoio dado durante toda minha trajetória de vida. Aos meus colegas de turma serei eternamente agradecida pela amizade, apoio, companheirismo e aprendizagens vivenciadas nesta caminhada e nas que ainda estão por vir.

Expresso também minha gratidão às instituições de ensino às quais fui vinculado ao longo de minha trajetória acadêmica, que contribuíram decisivamente para minha formação. Aos meus professores pelo apoio e cuidado ao longo desta caminhada, e pelos ricos momentos de aprendizagem proporcionados. Em especial, agradeço à minha querida tutora do curso, Betânia, aquela que considero como uma mãe, cujo sempre esteve presente, me ajudando, orientando, dando força e bons conselhos até mesmo quando se encontrava em momentos delicados de sua vida, a senhora sempre terá um lugar no coração da sua “Janaina”.

E por fim gostaria de agradecer às artistas que dedicaram um pouco do seu tempo para me ajudar com essa pesquisa, como também por serem fonte de inspiração e representatividade.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a representatividade das mulheres negras no campo das artes visuais enquanto artistas, a partir de contextualização histórica da educação e ensino de artes para mulheres negras, refletindo sobre elas no campo das artes visuais como agente provedor de representatividade e evidenciando os desafios para se alcançar o protagonismo como artista negra nas artes visuais. O referencial teórico contempla reflexões acerca da pesquisa sobre o histórico da educação e ensino de artes para mulheres negras, artistas representantes, além de contextualizar e discutir os desafios e impactos da falta de representatividade feminina na arte, especificamente de mulheres negras. Os procedimentos metodológicos adotados consistem no levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas com artistas negras. Os dados obtidos indicam que o patriarcado, políticas sociais e religiosas, a desigualdade social e de gênero, o racismo, eurocentrismo, a informalidade anonimato, o apagamento histórico e a desvalorização das produções das artistas negras das artes visuais, principalmente as da mata norte de Pernambuco são fatores que dificultam a representatividade feminina, como também o alcance do protagonismo dessas artistas.

Palavras-chave: Educação, Artes Visuais, Mulheres Negras, Representatividade.

ABSTRACT

This research aims to discuss the impacts of the lack of representation of black women in the field of visual arts as artists, from the historical contextualization of art education and teaching for black women, reflecting on them in the field of visual arts as providers of representativeness and highlighting the challenges to achieve prominence as a black artist in the visual arts. The theoretical framework includes reflections on research in the history of education and art teaching for black women, representative artists, in addition to contextualizing and discussing the challenges and impacts of the lack of female representation in art, specifically black women. The methodological procedures adopted consist of a bibliographic survey and a semi-structured choice with black artists. The data obtained indicate that patriarchy, social and religious policies, social and gender inequality, racism, Eurocentrism, informality, anonymity, historical erasure, and devaluation of the productions of black artists in the visual arts, especially the of Pernambuco's northern forest are factors that caused and caused the absence of female representation, in addition to hindering the achievement of these artists' protagonism.

Keywords: Education, Visual Arts, Black Women, Representativeness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Imagem da Artista Maria Amélia	8
Figura 2– Produção artística de Maria Amélia, Nossa Senhora do Carmo, cerâmica. ...	9
Figura 3– Imagem da Artista Rúbia Batista.....	9
Figura 4– Imagem da Artista Rúbia Batista.....	10
Figura 4– Imagem da Artista Tayná Nunes.....	10
Figura 6– Foto de Tayná Nunes, intitulada “São Lourenço da Mata” para a mostra “Da Minha Quebrada”	13
Figura 7– Imagem da Artista Gesiara Lima.....	11
Figura 8– Produção artística de Geisiara Lima, “ Curandeiras” acrílico e aquarela sobre papel.....	12
Figura 9– Imagem da Cintia Lima.....	12
Figura 10– Imagem Série “Atrofia” protagonizada por Cíntia Lima	13

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 A ARTE E AS MULHERES NEGRAS	2
2.1 EDUCAÇÃO E ENSINO DE ARTES PARA MULHERES	2
2.1.1 Educação e ensino de artes para mulheres negras	4
3 PRODUÇÃO ARTÍSTICA, PROTAGONISMO E REPRESENTATIVIDADE ..	6
3.1 CONCEITUAÇÕES GERAIS	6
3.1.1 Representatividade da artista negra regional.....	7
4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	13
4.1 TIPO E DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	13
4.1.1 Justificativa e apresentação das artistas.....	14
4.1.2 Roteiro de entrevista semi-estruturada	14
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	13
5.1 ARTISTA NEGRA DA MATA NORTE DE PERNAMBUCO	15
5.2 EDUCAÇÃO, ENSINO DE ARTES E PROCESSO EDUCACIONAL.....	16
5.3 AUSÊNCIA DE REPRESENTATIVIDADE DE ARTISTAS NEGRAS.....	17
5.4 PROTAGONISMO	18
5.5 AGENTE PROVEDOR DE REPRESENTATIVIDADE	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19

1 INTRODUÇÃO

A partir de contextos históricos e dados atuais, é possível perceber que há uma dificuldade no acesso a obras produzidas por artistas negros. No contexto do Brasil, entre os motivos, podemos destacar o fato das produções realizadas por artistas negros e negras serem, por anos e em virtude de questões racistas, consideradas como primitivas e ingênuas (ALVES E RODRIGUES, 2007; MATTOS, 2016).

Outro fator importante sobre o contexto brasileiro é que uma boa parte de obras feitas por negros destacam raízes da cultura e religião de matriz africana o que contraria dogmas cristãos fortalecidos pela arte europeia (MATTOS, 2016).

Ao pensarmos sobre mulheres negras nas artes, principalmente nas artes visuais, pouco sabemos sobre sua história e isso se dá justamente pela ausência de registros históricos e pelo ensino das artes visuais limitar as produções e protagonismos dessas mulheres a objeto de representação em capítulos específicos ou para se falar da arte afro-brasileira.

As concepções, que durante muito tempo imperaram na historiografia, reduziram os negros à condição de objetos. Um ser em situação de absoluta dependência, ao qual tudo era negado e que não possuía nenhuma capacidade de ação e reação dentro da sociedade escravista e patriarcal. A sua condição de sujeito não foi simplesmente negada, mas absolutamente desconsiderada em favor da descrição de um quadro que delimitava lugares sociais muito precisos para eles enquanto grupo racial (FONSECA, 2007, p. 15).

Vendo a mulher negra, não como objeto de representação, mas como agente artístico que se expressa e expõe seus pensamentos, problemas e conceitos de vida através da arte, sendo um provedor cultural e artístico, que usa a arte como meio de resistência e luta, se opondo à desigualdade social, buscando na arte uma forma de empoderamento, onde possa expressar suas opiniões e enfrentar os obstáculos da realidade, a presente pesquisa discutirá a respeito da inserção de mulheres na educação e no ensino das artes, principalmente mulheres negras, refletindo acerca dessas mulheres como

artistas e agentes provedoras de representatividade, analisando os impactos causados pela ausência dessa representatividade no mundo das artes visuais.

A motivação para este estudo se deve a questões relacionadas à experiência da autora da pesquisa, estudante de artes visuais, ilustradora e mulher negra que, mesmo inserida no meio das questões da arte e representatividade, nota a ausência de mulheres negras enquanto artistas na história da arte e no mundo das artes visuais. Ainda neste contexto, ressalta-se que as memórias das mulheres negras fazem parte de suas memórias e, antes de tudo, representam sua identidade, linhagem e história, vendo esse silêncio ou o apagamento como algo que afeta, não somente sua perspectiva e singularidade, mas também as das mulheres negras em geral.

2 A ARTE E AS MULHERES NEGRAS

Este capítulo aborda a educação e ensino de artes para mulheres com enfoque principal para as mulheres negras.

2.1 EDUCAÇÃO E ENSINO DE ARTES PARA MULHERES

Considerando a intersecção do enfoque de gênero, raça e classe, é necessário compreender a primeira participação das mulheres nos campos da educação e da arte para analisar os impactos da representatividade de mulheres negras nesses ambientes, porque no início da educação feminina, raça e sociedade definia quais mulheres os ocupavam. Segundo Gaspari (2003), Rousseau compreendia que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, elas não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza. Essa sociedade, que lutava tanto por liberdade, passou a exigir que as mulheres fizessem parte dela, mas como mães, guardiãs dos costumes e como seres dispostos a servir aos homens.

Em 1824 com a outorgação da primeira Constituição brasileira, onde em seu Art. 179 afirmava e garantia a 'instrução primária e gratuita para todos os cidadãos (BRASIL, 1824), foi que as mulheres, com exceção das mulheres negras, passaram a ter acesso à educação, após a independência do Brasil,

seguindo as diretrizes daquele período, período esse que trouxe novas visões à arte brasileira e a arte-educação num país com notável intensificação do eurocentrismo e ainda caracterizado pela escravidão, mulheres exclusas e submissas, vistas como pessoas com baixa inteligência, onde a educação se voltava para a maternidade, sendo exclusiva para as mulheres que pertenciam a uma família rica da sociedade.

...educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos (LOURO, 2004, p. 374).

Ainda quanto ao ensino de artes para mulheres, Durand (1989) afirma que:

[...] devia resumir-se a aulas a domicílio tomadas por um grupo muito pequeno de moças ou senhoras. Uma reação frequente dos maridos, à época, era exigir que a mulher renunciasse de público a ganhos monetários com sua produção cultural, preservando um caráter amadorístico considerado mais virtuoso e menos ameaçador (DURAND, 1989, p. 49).

Ou seja, eram impedidas de ter conhecimento acerca de técnicas e campos de pesquisa de artes, assim como era ensinado aos homens, passando a ser uma educação voltada mais para etiquetas sociais e bons costumes.

Apesar das oposições, esse cenário começa a mudar a partir do século XIX com a Lei de 15 de outubro de 1827, cujo assegurava o ensino para mulheres através da criação de escolas de primeiras letras, segundo seu 1º Art. a Lei determina que “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias”. (BRASIL, 1827).

Essa mesma lei também assegura a atuação das mulheres como professoras, entretanto existiam algumas limitações para se exercer essa função, conforme seu artigo 12 que determina que “ as Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de

reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.” (BRASIL, 1827).

Outra conquista desse século foi o direito ao acesso ao ensino superior, através do decreto de Lei nº 7.247 de 19 de abril de 1879, seção primária do artigo 20 “Mediante prévia inscrição, que se abrirá na Secretaria de cada Escola ou Faculdade nas épocas que forem marcadas em regulamento, serão admitidos a prestar exame, de qualquer número de matérias do respectivo curso; todos aqueles que o requererem...” (BRASIL, 1879).

Em 1892 a Escola Nacional de Belas Artes registra os primeiros acessos de mulheres ao ensino superior de artes, conquista essa advinda do Decreto 115, artigo 187 que, além de permitir o acesso de mulheres ao ensino superior de artes, também frisava aulas com lugares separados para as mulheres... “é facultada a matrícula aos indivíduos do sexo feminino, para os quais haverá nas aulas lugar separado”. Contudo até o ano de 1895 essa regra não tinha sido praticada, se tornando um dos motivos pelo qual as mulheres não se inscreviam em disciplinas consideradas ousadas como afirma Ana Simioni (2007) “A mistura com os homens talvez explique porque as alunas não se inscreviam em disciplinas mais ousadas, como as classes de pintura e escultura, e mais particularmente as aulas de modelo vivo”. Simioni (2008) destaca que tal ato acontecia apenas em ateliês exclusivos para as mulheres, tais como por Rodolfo Amoedo e Henrique Bernardelli (1852–1931) e do casal August Petite¹⁴ (1844–1927) e Margueritte Petit (SIMIONI, 2008, p. 132).

Com as leis 10.639/2003 (Brasil, 2003), 12.288/2010 (Brasil, 2010) e 12.711/2012 (Brasil, 2012), as escolas passam a abordar conteúdos acerca da História e Cultura Afro-brasileiras, como também promover igualdade racial com a reserva de cota para estudantes negros no ensino superior.

2.1.1 Educação e ensino de artes para mulheres negras

Quanto a presença das mulheres negras na história do Brasil e na história da arte brasileira, pouco se sabe ou é relatado e tudo isso se deve a forma como eram representadas durante o período da escravidão. Já que:

A presença das mulheres negras na história do Brasil e na história da arte brasileira foi em sua grande parte como objetos a serem retratados, descritos, ilustrados muitas vezes com o véu da exotização a respeito de suas formas fenotípicas ou na criação de valores a respeito de suas condutas. (BOTELHO, RODRIGUES, 2011, p.5).

Continuando sobre a educação para mulheres negras, Cruz (2015) apontou que não há dados sobre a história da educação para negros antes de 1960, mesmo com surgimento de movimentos negros voltados para comunicação e educação negra, nos levando assim a pensar que a educação para negros era inicialmente informal, assim como afirma Silva e Araújo (2005).

Os negros desafiavam os senhores hostis que queriam isolá-los uns dos outros [...] aprendiam a ler, escrever e calcular – prova desta resistência é a constatação histórica de um número considerável de pretos e pardos alfabetizados e multilíngues, falando um idioma europeu do seu senhor estrangeiro além do português e uma ou mais línguas africanas, incluindo as línguas vernaculares (SILVA e ARAÚJO, 2005, p. 69).

Já Maestri (2004) afirma que, ao chegarem, os escravizados iniciavam sua instrução para o trabalho agrícola ou outro a que fosse servir, não havendo preocupação nem em ensinar-lhes a língua, sendo obrigados a aprender por imitação. Na cidade havia um ambiente mais propício para uma educação formal e informal, pois era lucrativo ter um escravo que soubesse algum ofício, para alugá-lo. Isso fez com que muitos aprendessem a ler, escrever e contar.

Segundo Silva e Araújo (2005) somente ao final do século XIX, com o advento do ensino popular e o ensino profissionalizante é que a população negra tem oportunidades concretas de escolarização. A educação popular se estabeleceu em grupos escolares urbanos e escolas isoladas nos bairros operários e fazendas. O ensino profissionalizante vem pela criação das primeiras escolas, por decreto de Nilo Peçanha, objetivando a formação de um mercado interno de mão-de-obra.

Apesar das circunstâncias sociais que mantinham o negro fora da escola, o ensino profissionalizante propiciou a escolarização profissional e superior de uma pequena parcela da população negra. Esta população negra intelectualizada propiciou o surgimento dos movimentos negros, sendo a Frente

Negra Brasileira, fundada em 1931, o maior e mais amplo movimento negro, tendo inclusive implantado uma escola em sua sede no centro de São Paulo.

Durand (1989) também afirma:

[...] os anos que vão de 1910 e 1940 foram ricos em personalidades femininas de destaque e, como se sabe, não somente no campo das artes figurativas. Além de melhor nível de instrução, começaram a sair mais para a rua, a ter voz mais ativa na escolha do marido, inserindo-se mesmo no magistério e em ocupações congêneres (DURAND, 1989, p. 50)

Outro feito importante advindo do movimento negro foi o a criação do (TEM) Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro em outubro de 1944, proposto por Abdias do Nascimento e o cinema negro no Brasil protagonizado por figuras como Zózimo Bulbull, Joel Zito Araújo, Jeferson De (Dogma Feijoadá), entre outros que vão questionar a representatividade de homens e mulheres negras no audiovisual brasileiro.

A educação no TEN não se limitou à escolarização, sendo incorporada a perspectiva emancipatória do negro no seu percurso político e consciente de inserção no mercado de trabalho; na dimensão da educação política. O sentido de ser negro foi colocado na perspectiva da negação da suposta inferioridade natural dos negros. (ROMÃO, 2005)

3 PRODUÇÃO ARTÍSTICA, PROTAGONISMO E REPRESENTATIVIDADE

3.1 CONCEITUAÇÕES GERAIS

Com relação a produção artística das mulheres negras Rodrigues e Botelho (2011) afirmam que sendo as produções artísticas resultantes das relações culturais, em uma sociedade que mantém ainda presente em sua formação regimes excludentes e desiguais, podemos avaliar, de forma hipotética, que a produção artística das mulheres negras foi mantida no anonimato, esse efeito acaba por resultar na invisibilidade das mulheres negras não se restringindo apenas alguns meios e sim há quase todos os espaços das relações sociais.

Segundo Souza e Zamperetti (2017) nos anos 60 com o movimento feminista esse cenário passa a mudar

A partir dos anos 60, com o movimento feminista, é que surgem autoras discutindo o papel da mulher na sociedade, e é este fato que ocasiona também mudanças na vida das mulheres artistas, que começam a produzir obras que buscam ressaltar questões próprias ao sexo feminino. Na época, a arte dessas mulheres passa a ser reconhecida como arte feminista, visto que produz visibilidade e busca reivindicar direitos para as mulheres (SOUZA e ZAMPERETTI, 2017, p. 255).

Entretanto, apenas a partir de 1990 que a mulher negra passa a ser vista como agente provedor de representatividade através da artista Rosane Paulino, que se tornou a primeira artista negra a assumir seu lugar de fala no Brasil dando voz e rosto a mulher a negra, passando a ser percussora para vários outros artistas negros.

Contudo é possível citar nomes de artistas que surgiram antes desse período, tais como Maria Auxiliadora (1935 – 1974) e Nice Avanza (1938 – 1999) pintoras que introduziram a arte vista como primitiva ou naïf.

A exemplo de escultoras ceramistas podemos citar nomes como Ana das Carrancas (1923 – 2008) e Isabel Mendes (1924 – 2014) que representam a arte popular.

Na atualidade podemos citar as artistas visuais Renata Felinto (SP), Michele Mattiuzzi (SP), Priscila Rezende (BH), Aline Motta (RJ), Ana Lira (PE), Gê Viana (MA), Marcela Bonfim (RO), Silvana Mendes (MA), Denise Camargo (SP), entre outras cujas vem dando continuidade à resistência das artistas negras à luta contra o racismo contemporâneo.

3.1.1 Representatividade da artista negra regional

Representatividade é um fator importante para construção da identidade e subjetividade, como também uma forma de empoderamento (SILVA, 2012; GOMES, 2005; SAMPAIO, 2017) e por isso se torna importante se ter representatividade de artistas negras regionais, principalmente das regiões menores como a zona da mata norte de Pernambuco.

A partir da busca por dados bibliográficos e pesquisas acerca da zona da mata norte de Pernambuco, identificamos que, apesar de ser rica em vários segmentos da cultura, quando se busca por conteúdos acerca das artistas negras das artes visuais, seja em sites, artigos, revistas os dados parecem não existir, podendo ser encontrado apenas em aparições mínimas em conteúdos a respeito de artistas de outras regiões dentro e fora do nordeste brasileiro, tais como Sergipe, Bahia, Minas gerais, entre outras, tornando assim pertinente o fortalecimento do exercício de se evidenciar as artistas locais.

Ao todo são 19 municípios¹ que compõem a zona da mata norte de Pernambuco. Apesar da aparente invisibilidade sobreposta as artistas negras dessa região, é possível citar algumas artistas negras, cujo informações de duas delas foram encontrados em sites, sendo um estrangeiro (Maria Amélia da Silva) e um nacional (Cíntia Lima) e as demais informações acerca das outras artistas são dados obtidos através de conversas informais com as próprias artistas ou pessoas próximas a elas.

Maria Amélia da Silva

Figura 1 – Imagem da Artista Maria Amélia



Fonte: Foto de Rildo Moura

¹ São eles: Aliança, Buenos Aires, Camutanga, Carpina, Chã de Alegria, Condado, Ferreiros, Glória do Goitá, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa de Itaenga, Lagoa do Carro, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho, Timbaúba, Tracunhaém e Vicência. Fonte: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_153_Mata%20Norte%20-%20PE.pdf

Ceramista natural de Tracunhaém-Pe, filha do louçeiro, Mestre Didi, iniciou seus trabalhos com o barro entre os 8, 10 anos, consolidando sua carreira através das imagens de santos católicos, chegando em 2011 a receber o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco.

Figura 2– Produção artística de Maria Amélia, Nossa Senhora do Carmo, cerâmica.



Fonte: Foto de Lucy Passos

Rúbia Batista

Figura 3– Imagem da Artista Rúbia Batista



Fonte: Foto retirada do Instagram da Artista Rúbia Batista

Outra artista natural de Tracunhaém - PE é a fotógrafa e produtora cultural, Rúbia Batista, onde através da sua arte retratar histórias focadas na Zona da Mata Norte, tendo projetos pessoais como o Projeto Retalho e Zona da Mata além do Norte. Recentemente em 2019 atuou como diretora de fotografia do curta-metragem ficcional Estrela Nazarena, produzido em Nazaré da Mata.

Figura 4– Imagem da Artista Rúbia Batista



Fonte: Foto retirada do Instagram da Artista Rúbia Batista

Tayná Nunes

Figura 5– Imagem da Artista Tayná Nunes



Fonte: Imagem do acervo pessoal da artista

Artista paulistana residente em Goiana desde os 7 anos de idade. Formada no curso de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV. A arte sempre teve presença marcante em sua vida desde a infância, sempre muito apaixonada por filmes, música, dança e teatro, coisas que a moveram até chegar onde está. As questões sociais foram ganhando espaço também, conforme foi crescendo e criando senso crítico, e assim foi aliando sua paixão pela arte a poder colaborar de alguma forma para a sociedade e para a região a qual pertence. Além de fotografar, também atua como produtora cultural e realizadora audiovisual, tendo trabalhos autorais expostos em mostras e exposições.

Figura 6– Foto de Tayná Nunes, intitulada “São Lourenço da Mata” para a mostra “Da Minha Quebrada”



Fonte: <https://www.naperifa.org/da-minha-quebrada>

Algumas de suas atuações mais recentes foram a Filmagem e Edição de Mediação Cultural para a Exposição Caravana Museu do Homem do Nordeste (2020); Filmagem e Edição do Slam “E o verso? Ah, valia!” de Songley Mendes (2020); Expositora na Mostra Narrativas Periféricas - “Da Minha Quebrada”, em parceria com o CoqueVÍdeo e Instituto Moreira Salles (2020); Videomaker no Festival A Música Reside no KAOS realizado por KAOS com incentivo do Funcultura (2021).

Geisiara Lima

Figura 7– Imagem da Artista Geisiara Lima



Fonte: Foto de Willian/ divulgações

Natural de Itambé-PE e residente de Timbaúba-PE, Geisiara Lima, mulher negra, mãe de uma menina, ilustradora, poeta, graduanda em filosofia, autora do livro “Corpo em Chamas” e membro de coletivos como o Coletivo Silêncio Interrompido e Coletivo Ispia, Gesiara e participante de vários eventos e produção de festivais como Tipóia Festival, Mostra Canavial de Cinema, lapôl Cine Clube, Recita Mata Norte I e II, entre tantos outros onde faz de sua arte ferramenta para levantar reflexões acerca das relações trabalhistas e cultura da

cidade da Zona da Mata Norte, como também a falta de liberdade das mulheres em áreas dominadas pelo cultivo único de cana-de-açúcar.

Figura 8– Produção artística de Geisiara Lima, “ Curandeiras” acrílico e aquarela sobre papel



Fonte: Imagem do acervo pessoal da artista

Cíntia Lima

Figura 9– Imagem da Cintia Lima



Fonte: Kennel Rogis

De Carpina - PE podemos citar a artista visual Cíntia Lima, que é atriz, roteirista e diretora de arte em audiovisual, tendo em sua bagagem artística os filmes de arte Maldita Poesia (2012) e O rito (2014). Por sua atuação no audiovisual na XI Muestra de Cine Polo Sur (Patagonia) recebeu em 2017 no Chile a Menção Honrosa.

Figura 10– Pôster da Série “Atrofia” protagonizada por Cíntia Lima



Fonte: <http://www.wvfilmes.com.br/portfolio/atrofia/>

4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Neste capítulo do trabalho são abordados os métodos e as técnicas utilizadas para conduzir a pesquisa. Descreve os tipos de ferramentas utilizadas, dando relevância ao seu objetivo e finalidade; as características dos participantes da pesquisa e razões para suas escolhas; ferramentas e procedimentos para coleta e análise de dados.

4.1 TIPO E DESCRIÇÃO GERAL DA PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida entre o período de dezembro de 2020 a julho de 2021, através de um apanhado bibliográfico acerca do tema Mulheres negras nas artes: ausência de mulheres negras enquanto artistas nas artes visuais e entrevista semi-estruturada com artistas negras regional.

Se tratando de um método mais espontâneo, a entrevista semi-estruturada se baseia numa entrevista com perguntas iniciais preestabelecidas, mas que não limita o entrevistador apenas a elas, dando assim flexibilidade para o surgimento e aplicação de novas perguntas durante a entrevista o que gera uma maior quantidade de dados importantes e informações quantitativas e qualitativas.

Manzini (1990/1991, p. 154), afirma que a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Quanto aos cuidados na elaboração do roteiro para a entrevista, (MANZINI, 2003) resume a três cuidados, sendo eles: 1) cuidados quanto à linguagem; 2) cuidados quanto à forma das perguntas; e 3) cuidados quanto à sequência das perguntas nos roteiros.

Sendo a “Ausência das mulheres negras enquanto artistas nas artes visuais” a questão que conduziu a pesquisa e entrevista semi-estruturada da presente pesquisa, as informações foram analisadas de forma qualitativa, já que de acordo com Mynaio (2008b, p. 57) um estudo dessa natureza possibilita desnudar características desconhecidas ou pouco conhecidas de um processo social, permitindo ao pesquisador “ a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias de investigação” , além de levá-lo a trilhar caminhos que o conduzam a produção de novos conhecimentos.

4.1.1 Justificativa e apresentação das artistas

Para a entrevista semiestruturada foram convidadas duas artistas, a fotografa Rúbia Batista e a ilustradora, poeta Geisiara Lima, sobre os critérios de que, assim como a autora da presente pesquisa, são mulheres negras, artistas da área das artes visuais e moradoras da zona da mata norte de Pernambuco, objetivando obter um maior aprofundamento para o tema desta pesquisa a partir dos relatos dessas artistas.

4.1.2 Roteiro de entrevista semiestruturada

Buscando responder aos objetivos ora mencionados pensamos no seguinte roteiro como norteador da entrevista:

1. Como é ser artista negra na zona da mata norte de Pernambuco?

2. Quanto a ser artista negra, qual o seu pensamento acerca da ausência de representatividade no mundo das artes visuais?
3. Quanto aos desafios para se alcançar o protagonismo enquanto artista negra o que você teria a dizer?
4. Sobre representatividade, você se sente como agente provedor de representatividade?
5. O que você teria a dizer para as futuras artistas negras da zona da mata norte de Pernambuco?

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas foram realizadas através de vídeoconferências por meio do *Google Meet*. A princípio houve um contato informal com as artistas para saber da disponibilidade de ambas para a realização das entrevistas, que foram realizadas entre os dias 3 e 4 de julho, com duração de aproximadamente 30 a 45 minutos cada entrevista, onde posteriormente foram transcritas.

Os dados foram transcritos literalmente e posteriormente foram constituídas categorias onde a primeira diz respeito a artista negra da mata norte de Pernambuco com enfoque em como é ser artista dessa região; a segunda é sobre processo educacional e ensino de artes onde buscou analisar a relação da educação e ensino de artes no processo educacional e profissional das artistas; a terceira categoria é voltada para a ausência de representatividade de artistas negras, visando evidenciar os pensamentos dessas artistas a respeito dessa ausência; a quarta categoria focou no protagonismo e na busca dessas artistas pelo mesmo; a quinta e última categoria foi sobre essas artistas como agentes provedoras de representatividade.

Os resultados obtidos nas entrevistas foram analisados a partir dessas categorias, sendo estabelecida uma conexão entre os dados das entrevistas e o levantamento bibliográfico desse estudo, visando atingir os objetivos desta pesquisa.

Diante do exposto, cada categoria será evidenciada de modo individual.

5.1 ARTISTA NEGRA DA MATA NORTE DE PERNAMBUCO

Essa categoria tem como objetivo analisar as visões das artistas acerca de como é ser artista da mata norte de Pernambuco e o que ficou evidente é que para ambas é muito difícil e ainda segundo elas isso se dá devido à falta de investimento do setor público nessa área como se pode notar nas respostas das artistas sobre essa questão durante as entrevistas:

(...)a preservação e continuidade da arte tem se dado por meio da resistência de um seletor setor artístico em meio ao pouco investimento do setor público e incipiente participação social da população. Ser uma artista, mulher e negra no país sempre foi difícil, fazendo um recorte para uma região do interior de Pernambuco essas dificuldades tornam-se ainda mais presentes. (Batista, 2021)

A Zona da mata é um território de muitos desafios, fazer arte por si já é um, mas persistir com o nosso trabalho sendo uma artista negra periférica é uma luta diária. Primeiro para lidar com arte nesses territórios isolados e carente de políticas públicas para área é bem difícil (...) (Lima, 2021)

5.2 EDUCAÇÃO, ENSINO DE ARTES E PROCESSO EDUCACIONAL

Essa categoria buscou analisar a relação da educação e ensino de artes no processo educacional e profissional das artistas, cujo na fala das artistas ficou evidente que apesar da atuação no mundo das artes visuais, isso não garante uma formação acadêmica nessa área, sendo as questões sociais, de raça e financeira, fatores que inviabilizam essa realização, as fazendo a aprender de forma autodidata, informal ou através de cursos fora do âmbito acadêmico.

Então, eu tenho superior incompleto, mas não em fotografia, meu estudo em fotografia começou de forma autodidata e depois fui fazendo cursos, mas aprendi mesmo na prática(...) (Batista, 2021)

Sou graduada em Filosofia pela UFPB. Não tenho formação acadêmica nas artes, apenas alguns cursos que pude fazer ao longo da minha trajetória. Eu pensei em cursar artes pela UFPB, mas o curso era diurno e como muitos jovens negros brasileiros precisam trabalhar para custear seus estudos que mesmo sendo numa Universidade pública há gastos (passagens, material, lanches), acabou que ficou inviável fazer o curso que realmente queria(...) (Lima, 2021)

Ainda sobre a fala das artistas, para elas a educação possibilitou um maior preparo e qualificação para gerir as demandas do mundo artístico.

(...)A educação me trouxe mais preparação para encarar a vida artística, qualificação, leitura, aprender a redigir trabalhos para futuramente inscrever meus projetos artísticos em muita coisa, saber discursar sobre a minha arte, conceituar, ser disciplinada, me impor prazos de produção entre outras coisas. (Lima, 2021)

(...)No ambiente acadêmico independente da área somos condicionados a construir conhecimento, são aprendizagens e habilidades que agregaram ao meu trabalho. (Batista, 2021)

5.3 AUSÊNCIA DE REPRESENTATIVIDADE DE ARTISTAS NEGRAS

Essa categoria objetivou evidenciar os pensamentos das artistas acerca da ausência de representatividade de artistas negras no mundo das artes visuais, onde foi notável na fala da artista Rúbia Batista a questão do apagamento histórico e as políticas que desfavorecem os negros.

Apagamento histórico, política do extermínio e tantas outras barreiras racistas que impedem a ascensão da população preta ocupando espaços majoritariamente brancos. A falta de representatividade é algo que deve ser sanado hoje, e estimulado em todas as esferas artísticas, em todos os lugares principalmente nas periferias. (Batista, 2021)

Já na fala da artista Geisiara Lima, além da ausência de representatividade de artistas negras, também fica evidente a questão de gênero.

Conheci poucos artistas negros como Jhor, há uns 5 anos vim conhecer o trabalho de Jeroff da cidade de carpina e em seguida Jefferson Batista e Adeilson Nascimento com quem mantenho um coletivo chamado Ispia!. Mas mulheres eu pouco lembro das artistas negras dessa região, já conheci artesãs, dançarinas, fotógrafas, mas nas artes plásticas não me recordo. (Lima, 2021)

5.4 PROTAGONISMO

Essa categoria buscou relatar os desafios para se alcançar o protagonismo enquanto artista negra e segundo a fala da artista Geisira Lima

fica perceptível que os desafios existem não só pela cor, mas como também pela baixa remuneração, a violência, a falta de educação e lazer.

O desafio é não parar porque as barreiras são inúmeras, entrar num território escasso como artista, não poderia dizer que seria entrar num território de brancos porque também é escasso para pessoas brancas, mas para nós negros é ainda mais difícil por conseguirmos trabalhos menos remunerados para que possamos financeiramente investir em arte, temos as condições financeiras piores também por obra do racismo, se seguirmos por este viés também somos nós o que mais sofremos violência inúmeras, somos vítimas de homicídios hediondos, é uma juventude condenada nesses centros urbanos sem educação e opção de lazer. (Lima, 2021)

Por outro lado, a artista Rúbia Batista afirma que a visão dela sobre essa questão mudou recentemente devido a anseios e desejos de ver protagonismo de artistas negras do interior instigando novas artistas vindo de lugares periféricos através de seus trabalhos.

Essa busca por protagonismo até um tempo atrás não era algo pautado com importância por mim, essa visão mudou quando percebi algo maior que as dificuldades, a necessidade de ter mulheres negras e do interior levando seu trabalho pro país e pro mundo ver, instigando novos potenciais artistas vindo de lugares periféricos. (Batista, 2021)

5.5 AGENTE PROVIDOR DE REPRESENTATIVIDADE

Esta categoria buscou analisar como as artistas se sentem em relação a serem agentes provedoras de representatividade e foi possível analisar em suas falas que ambas se sentem no dever de ser esse agente provedor de representatividade para as mulheres negras.

Acredito que todo e qualquer ato válido que ocupe espaços e fale para comunidades minoritárias gera de certa forma uma representatividade. Na minha área de atuação infelizmente não tive mulheres negras fotógrafas da zona da mata como referência, mas, através do incômodo com esse fato tenho tentado expor minha arte para que de alguma forma chegue às meninas e mulheres negras como uma reafirmação do nosso poder e capacidade (Batista, 2021)

Todo artista tem o dever de lutar contra o que pode sufocar a nossa existência, arte sempre é o meio, canal para a mensagem, gerações passadas passaram

por um processo de opressão na persistência e fizeram suas lutas, a gente tem o dever de continuar essa luta. A forma como nos posicionamos pode influenciar muitas formas, cada espaço que adentro sustento as bandeiras dessas lutas (Lima, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento desta pesquisa, que teve como objetivo principal discutir os impactos da falta de representatividade das mulheres negras no campo das artes visuais enquanto artistas, buscou através do apanhado bibliográfico e das entrevistas semi-estruturadas, levantar questões históricas e sociais, carregadas de problemáticas onde tornaram evidentes que o patriarcado, as políticas sociais e religiosas, a desigualdade social e de gênero, o racismo, eurocentrismo, a informalidade e anonimato, o apagamento histórico e a desvalorização das produções das artistas negras, contribuíram para a invisibilidade dessa artistas das artes visuais, como também com as dificuldades para se alcançar o protagonismo nessa área das artes, principalmente para as artistas negras da região da mata norte de Pernambuco.

Entre as dificuldades para a produção do presente estudo, a falta de conteúdo acerca das artistas negras da mata norte de Pernambuco, como também as falas das artistas nas entrevistas, deixou notável a desvalorização delas, apesar de suas inúmeras produções e significativo olhar crítico sobre a representatividade feminina, se fazendo assim necessário se pensar em políticas de valorização e incentivo à cultura e artista regional, onde essas artistas possam exercer de forma plena seu ofício e encontrar de fato oportunidades para propagar suas produções artísticas, para por meio dessas alcançar seu protagonismo e ser agente provedor de representatividade, fortalecimento e empoderamento para artistas e mulheres negra de comunidades periféricas, pois como Sampaio (2017) afirma a representatividade é um termo amplo, que abrange diferentes aspectos, porém neste caso pode ser entendida dentro de um viés de empoderamento, isto é, fazendo com que o indivíduo se torne presente, tendo visibilidade no desenvolvimento de papéis de alto valor social.

Outro ponto importante de ser frisado a respeito das entrevistas é que devido a pesquisa desse trabalho de conclusão de curso se limitar ao máximo

de 20 laudas, nos resumimos a pontuar as quatro categorias que constatamos como mais pertinentes. Contudo, existem outras informações significativas nessas transcrições cujo não foram abordadas na íntegra que poderão ser discutidas em produções futuras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha, MATTOS, Hebe e AGOSTINI, Camila. “Robert Slenes entre o passado e o presente: esperanças e recordações sobre a diáspora africana e cultura negra no Rio de Janeiro”. In: RIBEIRO, FREIRE, CHALHOUB e ABREU. **Escravidão e Cultura Afro-brasileira**. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

BATISTA, Rúbia. **Entrevista Semi-estruturada Sobre Mulheres Negras Nas Artes**. Entrevista concedida a Jaciara Souza. Timbaúba-PE, 2021.

BOTELHO, Denise. RODRIGUES, Juliana: **Produção Artística de Mulheres Negras na Formação da Arte Contemporânea Brasileira, e as Produções das Artistas Plásticas Rosana Paulino e Yêdamaria**. Bahia: UFBA, 2011.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império. Rio de Janeiro, 1827. Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acessado em 12 set. 2021.

BRASIL. **Decreto-lei Nº 7.427 de 19 de abril de 1879**. Reforma do ensino primário, secundário e superior no Município da Corte e em todo o Império. In: Coleção de Leis do Império do Brasil – 1879, pág. 196, volume 1. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-norma-pe.html>. Acesso em 12 set. 2021.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >. Acesso em: 12 set. 2021. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril

de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União , Brasília , 21 jul. 2010. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm >. Acesso em: 12 set. 2021. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União , Brasília , 30 ago. 2012. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm >. Acesso em: 12 set. 2021. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação dos negros e outras histórias.** Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

DURAND, José Carlos. **Arte, privilegio e distinção:** Artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985. São Paulo: Perspectiva: Editora da universidade de São Paulo, 1989.

FONSECA, M. A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira. In **Revista Brasileira da História da Educação.** São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Educação, n. 13 jan-abr, 2007.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória:** Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. Brasília, Secretaria continuada, alfabetização e diversidade Ministério da Educação, 2005. p. 39-62. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-umabreve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

LIMA, Geisiara. **Entrevista Semi-Estruturada Sobre Mulheres Negras Nas Artes.** Entrevista concedida a Jaciara Souza. Timbaúba-PE, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Del Priori, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto / UNESP, 2004.

MAESTRI, Mário. A pedagogia do medo: disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (org.) **Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. I : séculos XVI – XVIII**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2004.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

ROMÃO, Jeruse. História da Educação do Negro e outras histórias. In: CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma abordagem sobre a história da educação dos negros**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. p.21 – 34.

SAMPAIO, J. D. F. **Recortes de percepções femininas sobre objetos icônicos de feminilidade**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre, p. 71, 2017.

SILVA, Tomaz. A produção social da Identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença. a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73- 91.

SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Márcia. História da Educação do Negro e outras histórias. In: **Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. p. 65 – 78.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **O Corpo Inacessível: às mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Ana%20Paula%20Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SOUZA, Fabiana Lopes de. ZAMPERETTI, Maristani Polidori: **Arte, gênero e cultura visual** – Um olhar para as artistas mulheres. Diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 26, n. 2, p. 248-264, jan./jun. 2017.